

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação

EXPOSIÇÕES MUSEOLÓGICAS: A COMPLEXIDADE NO PROCESSO DE PERCEPÇÃO DO REAL

Helena Cunha de Uzeda (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

MUSEUM EXHIBITIONS: THE COMPLEXITY OF REALITY PERCEPTION PROCESS

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O trabalho analisa alguns conceitos defendidos pelo “pensamento complexo”, que buscam abrandar a rigorosa disciplinarização científica, relacionando-os ao caráter transdisciplinar das exposições museológicas, que se mostram interdependentes a diferentes áreas de saber, desconsiderando delimitações e limites epistemológicos. O instrumento fundamental utilizado pela Ciência Moderna, a divisão da Natureza em partes e partículas, categorias e subcategorias, como forma de buscar uma compreensão mais aprofundada sobre o Todo, acabaria por confinar singularidades a delimitações muito rígidas. Apartava-se, assim, o pensamento científico da tradição, da religião e da filosofia, demarcando racionalmente os todos os domínios do saber. As Ciências Sociais que, durante muito tempo, foram tidas como frágeis cientificamente, pela dificuldade em sistematizar de modo racional as complexidades inerentes aos fenômenos humanos, mereceriam ter essa fragilidade reconsiderada diante do afrouxamento das certezas que vêm se dissolvendo diante dos olhos atônitos da contemporaneidade. Como parte integrante da área das Ciências Sociais, a Museologia reafirma-se em seu caráter fenomênico e científico, podendo-se considerar as exposições museológicas como o exercício mais visível e profícuo de interpretação do real. Consideradas como principal instância comunicacional dos museus, as exposições participam de forma conjugada e interdependente de processos ligados à literatura, arquitetura, programação visual e gráfica, design de iluminação, de som e de cenografia; tecnologias digitais, pedagogia e comunicação. Por essa atuação transdisciplinar, privilegiando discursos múltiplos, as exposições permitem a absorção dos conhecimentos tanto pela via da cognição quanto pelos sentidos e pela emoção, o que nos faz perceber que elas já vinham se imbuindo do espírito integrador proposto pela visão científica mais complexa. Como ciência social capaz de promover uma atualização de percepções e interpretações da realidade – de forma interconectada e transdisciplinar, integrando o observador a processos cognitivos, sensíveis e emocionais – não estariam as exposições museológicas, transitando, há algum tempo, no território múltiplo do pensamento complexo?

Palavras-Chave: Museologia; Exposições Museológicas; Pensamento Complexo; Transdisciplinaridade.

Abstract: The paper analyzes some concepts defended by “the complexity theory”, which aim to reduce rigorous scientific disciplinarization, relating them to the transdisciplinary framework of museological exhibitions. These are inter-reliant to different areas of knowledge, disregarding delimitations and epistemological limits. The fundamental instrument used by Modern Science, the division of Nature into parts and particles, into categories and subcategories, as a way of seeking a

deeper understanding of the Whole, would confine singularities to very rigid delimitations. Thus, the scientific thought would be separated from tradition, religion and philosophy, rationally establishing all the domains of knowledge. The social sciences, which for long had been considered as scientifically fragile, due to the difficulty in systematizing in a rational way the complexities inherent to human phenomena, deserve to have this fragility reconsidered before the loosening of the certainties that are dissolving before the astonished eyes of contemporaneity. As an integral part of the area of Social Sciences, Museology is reaffirmed in its phenomenological and scientific character, and museological expositions can be considered as the most visible and profitable exercise of interpretation of the real. Considered as the main communicational instance of museums, exhibitions participate in a conjugated and interdependent mode of processes related to literature, architecture, visual and graphic programming, lighting, sound and stage design; Digital technologies, pedagogy and communication. Because of this transdisciplinary approach, privileging multiple discourses, exhibitions allow the absorption of knowledge both through the path of cognition and through the senses and emotion, which makes us realize that they were already taking in the integrative spirit proposed by a complex vision. As a social science capable of promoting an actualization of perceptions and interpretations of reality (in an interconnected and transdisciplinary way, integrating the observer with cognitive, sensitive and emotional processes) would not be the museological exhibitions, transiting for some time in the multiple territory of the complexity theory?

Keywords: Museology; Museums Exhibitions; Complex thinking; Transdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

Na busca por verdades irrefutáveis, o pensamento científico, desde o estabelecimento do que conhecemos por modernidade, traçou uma trajetória ininterrupta em busca de uma compreensão de mundo fundada numa investigação racional e independente. Essa visão epistemológica que daria origem à efervescência renascentista reformulou o processo de cognição sobre o objeto, por meio de um esforço intelectual que dividia os elementos da Natureza em partes e partículas, categorias e subcategorias. Todo o universo do Real foi fragmentado em áreas distintas, estabelecendo-se padrões metodológicos que norteassem pesquisas em busca da construção de um conhecimento baseado apenas na Razão. Assim, chegou-se à contemporaneidade experimentando essa percepção contraditória, na qual se vive cotidianamente uma realidade com os olhos do senso comum, ao mesmo tempo em que se tenta explicá-la por meio de uma razão científica. A divisão em inúmeras disciplinas superespecializadas relegou a vivência e os sentidos empiricistas do indivíduo a uma posição acessória. Apenas os fragmentos desmembrados da completude, profundamente esmiuçados e classificados eram vistos como instrumentos legítimos para uma compreensão profunda e organizada da realidade.

Considerando todos os avanços conseguidos de forma cumulativa pela ciência moderna nas mais diversas áreas do conhecimento, desenvolvido com aporte dessa

metodologia científica, fica difícil negar sua irrefutabilidade. Por que, então, diante de tal evidência de efetividade foram lançados questionamentos sobre a validade dessas tradicionais estruturas epistemológicas? Para Edgar Morin (1982), a ideia de que haveria uma “simplicidade” recôndita esperando para ser revelada, sob a forma de leis da Natureza, que serviria de base para a estruturação de uma ciência moderna, defrontou-se com a necessidade de utilização de um pensamento mais complexo pelos tempos contemporâneos. Uma visão que valorizasse não a disciplinarização, e sim uma transdisciplinaridade, diante da inequívoca interdependência que os processos atuais vêm colocando os saberes. O autor destaca a importância desse relaxamento dos rigores científicos, como exigidos até então, especialmente no campo das Ciências Sociais, diante da complexidade que se apresenta às pesquisas de fenômenos humanos, de difícil contabilização e conformidade a ordens e certezas.

Se para os Programas de Pós-Graduação, colocados como plataforma de produção e difusão de conhecimentos científicos, as discussões teóricas e metodológicas nesse contexto de reformulações tornam-se um desafio epistemológico, para a área específica das Ciências Sociais Aplicadas essa complexidade parece que já vinha sendo, de certa forma, incorporada. O estudo sobre museus e seus processos evidencia seu caráter notadamente transdisciplinar¹, o que se revela tanto no campo teórico quanto na sistematização de suas práticas. Inserida na grande área das “Ciências Sociais Aplicadas”, uma das divisões do Sistema Nacional de Pós-Graduação, a área da Museologia está alocada na área Comunicação e Informação, delimitações do conhecimento estas que, conforme destaca o próprio Documento de Área da CAPES, engloba saberes e práticas de caráter estratégico na contemporaneidade, diante da supremacia dos processos de midiaticização, comunicação e informação, que preenchem todos os espaços da sociedade atual (CAPES, 2013, p.1). Parece evidente que as áreas de Comunicação, Ciência da Informação e Museologia mostram-se cada vez mais conectadas a diversos outros campos de conhecimento, demonstrando não ser uma visão reducionista confiná-las a apenas campos gnóstico e prático específicos. Torna-se impossível na atualidade desconsiderar a onipresença

¹ A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo [...] A interdisciplinaridade tem uma ambição diferente daquela da pluridisciplinaridade. Ela diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra. [...] A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (NICOLESCU, 1999, p.9).

essencial, cada vez mais ampliada e individualizada, dos processos de comunicação e da quantidade maciça de informações propagadas em tempo real pelas telas digitais de cada um de nós. Toda essa rede de intensa comunicabilidade, que asfixia nosso tempo cronológico, mas fascina nossas mentes já mostra sua influência na quebra paradigmática que resultará sua participação na construção dos saberes. A Museologia e, em especial, as exposições museológicas encontram-se diretamente relacionadas a essa ambiência fortemente comunicacional, consistindo em canal excepcional para as relações/construções interpretativas do Real.

A visão complexa, mais adequada aos tempos atuais – valorizando a interseção mais que a seção, reconhecendo o caos como previsível e inevitável, e preferindo abordagens transdisciplinares –, ao estabelecer essa nova relação com o conhecimento, favorece a identificação da área de Museologia como uma ciência atualizada. Não delimitando fronteiras rígidas entre o senso comum e o rigor científico, o campo museal consegue uma comunicação transversal com a complexidade contemporânea.

DA DISCIPLINARIZAÇÃO MODERNA À TRANSDISCIPLINARIDADE CONTEMPORÂNEA

A ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teórico é mais humanitário e mais suscetível de estimular o progresso do que suas alternativas representadas por ordem e lei (FEYERABEND, 1972, p.17).

As grandes modificações do pensamento que ocorreriam a partir do século XVII forjaram-se como rejeição das visões predominantes naquele período, concentradoras de poderes nas mãos absolutistas de monarcas e nos rigores contrarreformistas de um catolicismo surpreendido pelas críticas protestantes. A Ciência edificada sobre novas bases substituiu o sistema religioso-escolástico pela fé exclusiva na Razão – esta entendida como crítica aos mais diversos campos da experiência humana. Descartes² lançou preceitos metodológicos em seu “Discurso do Método” (1637), preconizando uma fragmentação cada vez maior dos saberes em áreas e disciplinas, com o objetivo de dividir as dificuldades em tantas partes quantas possíveis para facilitar a resolução das questões e chegar à verdade (DESCARTES [1637], 1979, p.37-38).

² René Descartes (1596-1650) filósofo, físico e matemático, nascido na França, foi um dos personagens decisivos da [Revolução Científica](#) e grande influenciador do Pensamento Ocidental.

Estudar de forma particularizada os elementos constituintes de sistemas gerais havia sido recomendada pelo filósofo inglês Francis Bacon³, que indicava que compartimentar as áreas do saber era o melhor caminho para o aprofundamento específico nos conhecimentos. Bacon faz parte de um grupo seleto de pensadores⁴ que – entre os séculos XVI e XVIII, período que ficaria conhecido como Revolução Científica – iria questionar as explicações do mundo subordinadas à tradição aristotélica e ao pensamento escolástico medieval. A difusão dessas ideias revolucionárias contaria com o apoio da técnica dos tipos móveis de impressão, desenvolvida por Gutenberg⁵, inovação considerada decisiva para a sequência de acontecimentos estariam por vir e que difundiriam o desenvolvimento de diferentes áreas do conhecimento. Abria-se o caminho para um saber superespecializado e laico que, no século XVIII, foi materializado por [d'Alembert](#) e [Diderot](#) nos verbetes da *Encyclopédie*⁶ – *dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* (1751). Os que participaram daquela ambiciosa tarefa taxonômica, identificando, descrevendo, classificando, nomeando, os conhecimentos universais, investiam-se do desejo de contribuir para mudar o modo pelo qual o mundo vinha sendo compreendido. A proposta era garantir que as informações científicas reunidas na *Encyclopédie* estivessem acessíveis ao público em geral e fossem disseminadas às gerações futuras. Mais que isso, elas faziam parte de uma reviravolta epistemológica alimentada pelo espírito das luzes, que visava superar a tradição medieval, carregada de intolerância religiosa e autoritarismo monárquico, buscando uma libertação de visões dogmáticas e uma maior liberdade de investigação da Natureza.

Buscar a compreensão mais aprofundada do todo, separando os saberes – ainda que tenha sido um processo exitoso em seus resultados – acabaria por confinar

³ Francis Bacon (1561-1626) atuou nos campos da filosofia e política, sendo considerado como um dos fundadores da ciência moderna. Bacon propôs a divisão das ciências em ciência da imaginação, ciência da memória e ciência da razão.

⁴ Entre eles, [Nicolau Copérnico](#) (1473 a 1543); Galileu Galilei (1564-1642); [René Descartes](#) (1596 e 1650); [Isaac Newton](#) (1642- 1727);

⁵ Johannes Gutenberg (1398-1468) revolucionou a difusão de informação com o que seria considerada uma Revolução na Imprensa pela criação dos tipos móveis de impressão. Sua invenção foi talvez uma das mais importantes para o período moderno, influenciando no desenvolvimento da Renascença, da Reforma de Lutero e decisiva para a Revolução Científica, que se baseava na disseminação do conhecimento e da aprendizagem.

⁶ Os 35 volumes da *Encyclopédie*, compostos por verbetes, artigos e quase três mil ilustrações foram editados por [Jean le Rond d'Alembert](#) e [Denis Diderot](#), tendo recebido contribuições de iluministas notáveis como [Voltaire](#), [Montesquieu](#) e [Rousseau](#).

fragmentariamente cada singularidade em seu próprio limite especialista. Essa disjunção entre a ciência, como domínio organizado e fragmentado do saber, a tradição, que sobrepuja teologia, misticismo e gnose, difundida via oralidade; a religião, com seus cânones e rituais simbólicos; a filosofia, de espírito reflexivo e doutrinário, alteraria visões e questões sobre o modo verdadeiro de perscrutação do conhecimento. Desmembrava-se em partes avulsas o que a Natureza integrara em conjuntos e sistemas interdependentes.

Naturalmente, essa fragmentação de saberes e a estruturação destes em disciplinas específicas, apartadas de áreas que lhes seriam naturalmente correlatas, teve grande importância num momento em que organizar as ideias mostrava-se uma estratégia lógica e racional. Por meio dela foi possível ordenar o pensamento para absorver de forma simplificada toda uma completude. Ainda que importante na trajetória de desenvolvimento de todas as ciências, essa superespecialização progressiva do conhecimento mostrou-se insuficiente para absorver de modo concludente os processos múltiplos e acelerados do mundo contemporâneo. Teria a epistemologia moderna, em seu esforço científico por uma ordenação que simplificasse a compreensão do mundo, perdendo-se em meio a tantas específicas particularidades, não se permitido refletir sobre a importância das relações de interdependência? Ou seria a contemporaneidade, no exercício de seus saberes intrincados, que estaria obrigando o sujeito a indagações completamente novas a respeito dos objetos de sempre, colocando em xeque os antigos paradigmas de relação entre a percepção do sujeito diante do real?

Os conhecimentos superespecializados e disciplinarizados não tardaram a tangenciar-infiltrar os limites de outros tantos. Assim, como coloca o filósofo Américo Sommerman, tornaram-se “cada vez mais necessários uma razão complexa, que buscasse estabelecer relações entre esses polos contraditórios, e, também, diálogos cada vez mais amplos entre as disciplinas e entre os saberes” (SOMMERMAN, 2005, p.1). As delimitações impostas, até então, aos conhecimentos passaram a acompanhar a flexibilidade mais complacente das relações contemporâneas, que Zygmunt Bauman classificou como “voláteis” e “liquefeitas”, considerando o caráter dissolvente que foi sendo aplicado aos tradicionais parâmetros concretos e classificatórios (BAUMAN, 2000).

Na obra “Ciência com Consciência” (1982), Edgar Morin⁷ discorda sobre a ideia colocada pela Ciência Moderna de que haveria uma “simplicidade” embutida nos fenômenos naturais, certeza que se mostrou apropriada ao longo da trajetória bem-sucedida do desenvolvimento científico moderno, mas que se viu surpreendida diante de irresolutos e múltiplos tempos contemporâneos. Para Morin, toda essa alteração de visão epistemológica mostra-se relevante, especialmente, para o campo das Ciências Sociais, “vistas por muito tempo como impossibilitadas de desembaraçar-se da complexidade dos fenômenos humanos para elevar-se à dignidade das ciências naturais” (Morin, 2005, p.3). Se as certezas, a ordem e a objetividade haviam estruturado durante séculos o saber científico – saber este que se legitimava, exatamente, por essas substantificações –, seriam, atualmente, a incerteza, a desordem e a pluralidade a se articularem na composição das explicações científicas – e isso é verdade tanto nas “ciências duras”, quanto nas Sociais. Nesse momento, na contraposição estabelecida entre “ciências duras” (naturais) e “ciências moles” (sociais) seriam essas últimas, por sua condição de maior resiliência, a responderem de modo mais abrangente às interpretações e representações do real.

Mas, não estaríamos incorrendo em um retrocesso do pensamento científico, ao (des)especializar e (des)disciplinarizar o conhecimento? A busca por compreender a completude não ficaria mais difícil sem uma sistematização dos saberes? Segundo Morin: “o problema da complexidade não é o da completude, mas o da incompletude do conhecimento” (2005, p.176). O caráter multifacetário da Natureza e, por conseguinte, dos próprios indivíduos – como seres físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais – exige uma abordagem diversificada, capaz de explicar os fenômenos, incorporando à percepção do todo o fracionamento das partes, fazendo com que dialoguem ideias consoantes e contraditórias, utilizando “o Pensamento Complexo [...] a partir da interseção de várias teorias (teoria da informação, teoria dos sistemas, teoria da auto-organização, teoria do caos) e as abordagens e as metodologias pluri, inter e transdisciplinares” (MORIN, 2005, p.2).

A intercomunicação global que vem se consolidando a partir do desenvolvimento das telecomunicações digitais, talvez já esteja produzindo abalos tão ou mais importantes ao

⁷ Edgar Morin (Edgar Nahoum) nasceu em Paris em 1921, formando-se em Direito, História, Geografia e dedicando-se ao estudo de Sociologia, Filosofia e Epistemologia. Pesquisador emérito do *Centre National de la Recherche Scientifique*, Morin é autor, entre suas mais de 30 publicações, de “O problema epistemológico da complexidade” (1983) e “*Introduction à la pensée complexe*” (1990).

campo epistemológico quanto os tipos móveis de Gutenberg haviam causado com a maior divulgação do conhecimento à Revolução Científica. No lugar de delimitações precisas de fronteiras entre o senso comum e o rigor científico, a visão complexa tende a operar uma fusão de todas as demarcações. Reconhecia-se, assim, ser difícil desassociar completamente o método exclusivo científico do senso comum de compreensão do real sem que houvesse grandes perdas para ambas as percepções de mundo.

AS EXPOSIÇÕES MUSEOLÓGICAS: UMA CIÊNCIA SOCIAL COMPLEXA

A estruturação dos estudos e da prática dos museus já havia associado – por princípio e de modo indissociável – áreas de diferentes campos de saberes. Se considerarmos a museografia em seu sentido abrangente, que engloba todas as atividades práticas realizadas nos museus, fica ainda mais evidente a dependência explícita a outros campos do conhecimento a ela diretamente relacionados. Procedimentos inerentes à conservação e restauração de acervos, que dependem de conhecimentos das áreas biológica e química; os processos de catalogação de acervos, diretamente ligados à área da ciência da informação; as práticas ligadas às exposições museológicas, subordinadas aos domínios da Comunicação. Se na museografia, em sua definição como a totalidade das práticas de museus, a interdependência entre os saberes mostra-se irrefutável, no campo da teoria museológica, a definição de museu colocada por Tereza Scheiner já corporifica o desejo de recompor a completude do real:

A percepção do termo “museu” como conceito polissêmico revela também a natureza do Museu como instrumento semiótico, que se realiza exatamente na relação entre o mundo exterior e o mundo dos sentidos; entre o material e o virtual; entre o individual e o coletivo; entre o local e o global; entre o tangível e o intangível; entre criação e informação (SCHEINER, 2003, p.1).

A colocação da Museologia como ciência e sua intenção, até certo ponto audaciosa, de incorporar de forma integradora os fragmentos do real, tem sido alvo frequente de questionamentos conceituais. Entretanto, não seriam essas características que mais se aproximam da visão contemporânea em sua expansão em direção ao pensamento complexo? Como exigir rigores científicos num momento em que, como coloca Morin, o próprio conceito de “ciência” passa por avaliações críticas:

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

A ciência não é científica. Sua realidade é multidimensional. Assim, a ciência é, intrínseca, histórica, sociológica e eticamente, complexa. É essa complexidade específica que é preciso reconhecer. A ciência tem necessidade não apenas de um pensamento apto a considerar a complexidade do real, mas desse mesmo pensamento para considerar sua própria complexidade e a complexidade das questões que ela levanta para a humanidade (MORIN, 2005, p.9).

As Ciências Sociais dentro do contexto da classificação das Ciências foram consideradas, durante muito tempo, como incapazes de conseguir sistematizar metodologias que dessem conta das complexidades dos fenômenos humanos, como as demais Ciências Naturais. Entretanto, todas as certezas e ordens rígidas que estruturam o saber científico parecem se dissolver diante dos olhos atônitos da contemporaneidade. Esse afrouxamento dos modelos rígidos, específicos às Ciências Naturais, permite-nos reconhecer as Ciências Sociais e, por conseguinte, a Museologia em seu caráter de fenômeno científico.

Os museus, no contexto dessas revisões epistemológicas mostram-se espaços privilegiados para a atuação de relações complexas. A tradição do campo em estabelecer inter-relações entre diferentes domínios – temporais, culturais, materiais, virtuais, sensoriais, semiológicos – coloca os museus como instrumento fundamental para mediar interpretações e estimular sentidos em relação à apreensão do ambiente em sua naturalidade e humanidade, estabelecendo atualizações e conexões com a incompletude resiliente da realidade. A ideia de uma experiência museológica integradora de percepções, individuais e coletivas em relação ao real – analisando-as em suas especificidades isoladas, mas também em suas multiplicidades coletivizadas – acompanha a visão do pensamento complexo pela possibilidade de interpretar de forma mais congruente a incompletude no todo e a harmonia no caos. Quando Morin defende que, “não podemos trocar o singular e o local pelo universal: ao contrário, devemos uni-los” (MORIN, 2005, p.179), propõe o novo paradigma complexo em substituição ao paradigma clássico da simplificação e categorização, esgarçando as fronteiras das explicações científicas dentro do melhor sentido de um “caos organizador”.

Para o filósofo Gustavo Bertoche, “propor um ponto qualquer de demarcação entre a ciência e a não-ciência é simplesmente uma arbitrariedade” (2013, p. 40), considerando a relevância da contribuição dos sentidos nos processos científicos.

Todo o conteúdo de um fenômeno somente pode ser apreendido por meio dos sentidos, que obtêm o conhecimento de modo natural [...] as características objetivas dos fenômenos científicos são justamente aquelas que podem ser captadas por uma instrumentação capaz de traduzir

informações para a sensibilidade humana. Os fenômenos científicos são, por sua própria condição de fenômenos, acessíveis aos sentidos (Bertoche, 2013, p. 37).

Essa assertiva filosófica acomoda, de forma confortável, os museus no âmbito dos fenômenos científicos. Por essa atualização de concepção – que considera a indivisibilidade entre o senso comum e saber científico, questionando os modelos rígidos propostos pelas ciências – fica compreensível o caráter científico da área das Ciências Sociais e, por conseguinte, da teoria e prática da museologia. O conceito de museu como fenômeno, interpretando o real a partir de experiências de mundo de cada indivíduo, “por meio das múltiplas e complexas relações que cada ator ou conjunto de atores sociais estabelece com o real complexo [...], como coloca Tereza Scheiner (2003, p.1), trabalha com uma noção ampliada e menos restritiva das ciências, enquadrando-se no espírito de complexo em suas articulações entre conhecimentos múltiplos. Essa abordagem transdisciplinar da realidade insere-se como uma metodologia aberta, capaz de responder à complexidade das trocas contemporâneas, que se direcionam cada vez mais para uma reunificação dos saberes. Ainda que desde meados do século XX, o meio acadêmico tenha buscado propostas para estimular a interação entre as disciplinas⁸, estas acabaram por se enfraquecer no enfrentamento das estruturas fechadas das especializações.

Se a construção rígida taxonômica do conhecimento humano realmente prejudicou uma compreensão holística sobre a Natureza, seus conjuntos sistêmicos e suas verdades é uma questão ainda em aberto. Talvez essas tramas necessitassem mesmo ser desemaranhadas, separadas em seus inter-relacionamentos, para que fosse possível um melhor conhecimento do todo. Entretanto, é preciso considerar que a simples identificação das peças de um “quebra-cabeça” não garante sucesso completo em sua montagem.

O modelo tradicional de construção do conhecimento científico está sendo colocado em questão no âmbito de seu próprio pensamento reducionista, que acabou contribuindo para dificultar conclusões, exatamente, por seu excesso de “simplicidade”. A redução em partes semelhantes específicas contribui para prejudicar articulações entre as diferenças, assim como, por outro lado, as interações entre individualidades e multiplicidades poderiam

⁸ Chamadas primeiro de multidisciplinares e de pluridisciplinares, depois de interdisciplinares e de transdisciplinares, essas propostas de integração disciplinar só começaram a ganhar algum espaço no meio universitário a partir da década de 70 com a criação de núcleos de pesquisa interdisciplinares e de alguns institutos transdisciplinares, a partir das décadas de 80 e 90 (Sommerman, 2005, p.3).

auxiliar, mesmo que de forma aproximada, à percepção do real, ainda que na incompletude de suas “inteirezas”. Morin coloca que, “a ambição da complexidade é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento” (2005, p.176-177). Para ele, a perspectiva de um saber multidimensional deve embutir uma aceitação científica diante da “incompletude” e de “incertezas”.

O meio acadêmico francês considerava, à época da publicação de Morin, na década de 1980, o campo das Ciências Sociais como falho por não conseguir “se livrar da complexidade aparente dos fenômenos humanos para se elevar à dignidade das ciências naturais, que faziam leis simples, princípios simples e conseguiam que, nas suas concepções, reinasse a ordem do determinismo” (MORIN, 2005, p.177). O museólogo tcheco Zbyněk Stránský corroborava esse pensamento em relação à museologia, enquadrada entre as Ciências Sociais, questionando em texto de 1980 “Sobre o tema ‘Museologia – ciência ou apenas trabalho prático?’”. Nele, Stránský afirma que a teoria museológica “é teoria, mas não é ciência”(1980, p. 103), justificando essa asserção por meio daquela mesma visão que havia estruturado os parâmetros para a ciência moderna:

[...] uma das provas mais contundentes de que esta teoria ainda não chegou ao status de disciplina científica independente é o fato de que os resultados da produção teórica sobre museologia ainda não são aceitos amplamente como realizações da pesquisa científica. Em outras palavras: a museologia não tem espaço próprio no atual sistema científico (STRÁNSKÝ, 1980, p. 103).

Ao ratificar que a produção da área da Museologia não era aceita como parte das Ciências, considerando que esta “ainda não atende aos presentes critérios da teoria científica” (STRÁNSKÝ, 1980, p.103), Stránský mostrava sintonia ao contexto de uma época, para a qual a Ciência deveria observar os rigores dos métodos científicos aceitos universalmente. A ideia de que pesquisas científicas seguem padrões, utilizando-se de pressupostos, hipóteses, metodologias e conceitos de determinado campo científico, não deve desconsiderar o fato de elas estarem inseridas num recorte histórico e cultural, e como tal, sujeita, invariavelmente, a mudanças de paradigmas e a reavaliações. Ainda que não enquadrasse a teoria museológica dentro de fronteiras delimitadas pelos critérios e métodos científicos, Stránský conjectura essa possibilidade desde que esta se colocasse concretamente a serviço do indivíduo: “A teoria museológica, isto é, a ciência, museológica, tem o direito de existência e de um futuro

desenvolvimento, mas apenas enquanto atender as necessidades e requisitos concretos da sociedade presente”(STRÁNSKÝ, 1980, p. 104). Requisitos “concretos” estes, pensados a partir de uma ordenação sistematizada e imutável, que não tardariam a se tornar cada vez mais ilusórios e impalpáveis.

Na edição mais atualizada de “Ciência com Consciência”, de 2005, Edgar Morin reconhece que já há alguma aceitação da ideia de um “caos organizador” e que o termo “complexidade” não está sendo mais tão rejeitado pelo pensamento científico, sendo visto agora como um desafio no plano das pesquisas. Tal aceitação foi alimentada pelo fato de as Ciências Duras – como, por exemplo, as Exatas e Biológicas – também terem passado por questionamentos, em relação a algumas de suas visões “simplificadas” que não conseguem mais responder às demandas transdisciplinares.

A visão epistemológica gerada a partir do pensamento racionalista e que fundamentaria o desenvolvimento da ciência moderna, na realidade “corresponde a um processo instável de desracionalizações e re-racionalizações, constituindo as aventuras da racionalidade nas terras desconhecidas e obscuras do real” (MORIN, 2005, p.165). As características identificadas pelo autor: “incerteza”, “desordem”, “contradição”, “complicação” – antes tidas como “não científicas” e mais concernentes às relações subjetivas características das Ciências Humanas e Sociais – deveriam ser entendidas, então, como próprias do universo complexo de todas as ciências. Seriam as “inconsistências teóricas” apontadas por Stránský e o que ele chamou de “confusão entre o sistema teórico com a estrutura funcional do museu” (1980, p.105) parte da própria natureza intrínseca à museologia? O caráter transdisciplinar da área, que busca integralizar fragmentos e completudes, articular elementos e sentidos para além de qualquer delimitação disciplinar, parece consistir em instrumento mais afinado à compreensão da complexidade do real contemporâneo.

Os museus e as exposições museológicas desenvolveram-se em harmonia com o pensamento iluminista e com a visão especialista que se embutia na Revolução Científica moderna. A organização sistematizada em coleções – processo que resulta de um impulso pessoal tão antigo quanto a própria existência humana – já aplicava de forma intuitiva o padrão taxonômico, classificando os objetos a partir de valores comuns de similitude. Essas coleções quando expostas ao público refletiam essa intenção de sistematização organizacional dos elementos naturais e artificiais, imbuídas do mesmo espírito científico moderno.

Mesmo se considerarmos todas as variáveis conjunturais que influenciam o pensamento contemporâneo, assistimos uma amplificação global do campo da comunicação, que penetra em quase todos os espaços de relação. Talvez isso explique a sensação de desequilíbrio de forças entre as áreas básicas do campo museal – preservação, pesquisa e comunicação –, com os aspectos comunicacionais assumindo um peso maior dentro do senso comum sobre as atividades dos museus.

A “experiência”, como vivência do observador, alimenta-se pela memória, pelos sentidos e por todas as conexões temporais e contextuais que a envolvem. Não sendo portadores intrínsecos de discursos, os objetos necessitam da bagagem vivencial do indivíduo para que se consubstanciem em suporte material de um processo sensível, que é específico da comunicação museológica. Assim, com as experiências vividas e sentidos construídos a partir da relação entre observador, coleções e espaço, as exposições formulam seu discurso para uma sociedade que é, simultaneamente, emissora, receptora e retroalimentadora desse processo de comunicação. O retorno da importância do observador no âmbito da complexidade é considerado por Morin um aspecto determinante nessa nova percepção do real: “não passava de ilusão quando acreditávamos eliminar o observador nas ciências sociais” (2005, p.185), explicando a interdependente relação entre sujeito e objeto: “ele não é o objeto puro, mas o objeto visto, percebido e co-produzido por nós. O objeto do conhecimento não é o mundo, mas a comunidade nós-mundo, porque o nosso mundo faz parte da nossa visão do mundo” (MORIN, 2005, p.165).

As exposições em sua atuação relacional, ao fazer dialogar sujeito e objeto, reunindo simultaneamente conhecimento, memória e afeto, é capaz de potencializar a absorção de novos conhecimentos e aguçar ou transmutar visões de mundo. Como coloca Scheiner, “é no plano afetivo que se elabora a comunicação [...] abrindo os espaços do mental para novos saberes, novas visões de mundo, novas experiências, novas possibilidades de percepção (2003, p.2-3). Por serem dependentes de experiências e memórias individuais, as percepções e os sentidos do observador não são uniformes, o que faz com que os discursos emitidos pelas exposições sejam tão diversificados, formando uma “unidade” múltipla e complexa. O filósofo Thomas Kuhn (1922-1996), em “As Estruturas das Revoluções Científicas” destaca toda a complexidade que envolve a percepção do sujeito em relação aos objetos, fazendo que os sentidos estejam menos no objeto que no sujeito.

[...] estímulos muito diferentes podem produzir a mesma sensação; o mesmo estímulo pode produzir sensações muito diferentes; e, finalmente, o caminho que leva do estímulo à sensação é parcialmente determinado pela educação. Indivíduos criados em sociedades diferentes comportam-se, em algumas ocasiões, como se vissem coisas diferentes. Se não fôssemos tentados a estabelecer uma relação biunívoca entre estímulo e sensação, poderíamos admitir que tais indivíduos realmente vêem coisas diferentes (KUHN, 1998, p.238).

Essa multidimensionalidade de percepções, que se distancia completamente de qualquer certeza ou explicações metódicas, é o que de mais perto podemos chegar de uma realidade verdadeira: múltipla, fruto de memórias individual e coletiva, de temporalidades diversas, de conformações culturais variadas, de conexões afetivas e de redes digitais interligadas.

CONSIDERAÇÕES COMPLEXAS, AINDA EM CURSO

As exposições museológicas, como produto que materializa o processo de interpretação do real, habituaram-se a transitar pelas mais diferentes áreas do conhecimento, integrando partes fragmentadas na tentativa de compor um discurso coerente e emocionante. Numa exposição participam de forma conjugada e interdependente: literatura, arquitetura, programação visual e gráfica, design de iluminação, de som e de cenografia, tecnologias digitais, processos pedagógicos e comunicacionais, para citar os mais presentes. Algumas exposições museológicas vêm conseguindo atualizar-se de forma sinérgica e intensa às grandes transformações que têm sido lançadas à contemporaneidade. Por essa atuação transdisciplinar e por privilegiar discursos múltiplos, permitindo a absorção dos conhecimentos, tanto pela via da cognição quanto pela da sensação e da emoção, poder-se-ia dizer que as exposições museológicas e, por decorrência, o próprio campo da museologia, já absorveram o espírito da visão complexa da realidade. O contato com áreas de saber tão diversificadas – pelas quais as exposições circulam de modo coerente e harmonioso, desconsiderando quaisquer limites e delimitações – parece as qualificar de modo mais abrangente a interpretar o real dentro da ótica do pensamento complexo. A teoria da complexidade reativa as incertezas sobre o conhecimento, retirando-o dos limites reservados à certeza absoluta, coloca-se como “ponto de partida para um pensamento multidimensional. (MORIN, 2005, p. 188). Uma exposição museológica “trabalha todos os sentidos, constituindo,

portanto, uma experiência multidimensional de comunicação⁹ – ao contrário de outras mídias, que oferecem uma experiência perceptual mais reduzida” (SCHEINER, 2003, p.3). Considerando toda essa busca por um pensamento científico multidimensional, que não elimine a disciplinarização e a quantificação dos processos científicos, mas que os incorpore, observando tanto a dimensão individual quanto a social em todas as suas gamas de percepções-interpretações. Como um organismo formado por diversos sistemas integrados, a realidade esconde-se sob as categorizações disciplinares e também sob estratos de olhares e sensações individualizadas, que formam os caleidoscópios mutantes da contemporaneidade, pelo meio dos quais tentamos enxergar o mundo que nos rodeia, ao sabor de influências culturais e de temporalidades múltiplas e sincrônicas.

Referências

- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Edta, 2000.
- BERTOCHÉ, G. **Modelos e Rupturas Epistemológicas: análise crítica da posição de Bachelard**. In: PROMETEUS filosofia - Ano 6 - Número 12, (Jul-Dez), 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/gk8tgk>>. Acesso em: 28-07-2017.
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior. **Documentos de Área**, 2013. Disponível em: <https://goo.gl/5vJipw>. Acesso em: 25-07-2017.
- DESCARTES, R. **Discurso do método: meditações, objeções e respostas, as paixões da alma, Cartas [1637]**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- FEYERABEND, P. **Contra o Método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Edta., 1975 (série Metodologia da Ciência).
- KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- MORIN, E. **Ciência com Consciência (1982)**. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2005.
- NICOLESCU, B. **Um Novo Tipo de Conhecimento – Transdisciplinaridade**. 1º Encontro Catalisador do CETRANS - Escola do Futuro - USP, Itatiba, São Paulo - Brasil: abril de 1999
- SCHEINER, T.M. **Comunicação – Educação – Exposição: novos saberes, novos sentidos**. Revista Semiofera, ano 3, no 4-5, p. 1-8, 2003.
- SOMMERMAN, A. **Complexidade e Transdisciplinaridade**. I Encontro Brasileiro de Estudos da Complexidade 11 a 13 e julho de 2005, Curitiba Pontifícia Universidade Católica do Paraná <<http://www.ufrjr.br/leptrans/arquivos/complex.pdf>>

⁹ “A importância das experiências multidimensionais no processo comunicacional vem sendo comprovada pelos estudos de Gestalt: elas permitem que toda a ampla gama de experiências visuais, tácteis, aurais e emocionais impregnem o processo, transformando o observador em participante ‘ativo’ e permitindo maior grau de imersão no conjunto a ser comunicado” (SCHEINER, 2003, p.3).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

STRÁNSKÝ, Z. Z. Sobre o tema “Museologia – ciência ou apenas trabalho prático?”. In: **MUWOP. Museological Working Papers/DOTRAM. Documents de Travail en Muséologie. Museology – Science or just practical museum work? Stockholm: ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM; Museum of National Antiquities, v. 1, 1980.1980).** Tradução: T. Scheiner (2008).